



TUDO EU, NESSA CASA! IMPACTO DO TRABALHO RESIDENCIAL NA VIDA ACADÊMICA DE LICENCIANDAS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

¡TODO YO, EN ESTA CASA! IMPACTO DEL TRABAJO DOMÉSTICO EN LA VIDA ACADÉMICA DE ESTUDIANTES DE LICENCIATURA EN CIENCIAS BIOLÓGICAS

ALL ME IN THIS HOUSE! IMPACT OF HOUSEHOLD WORK ON THE ACADEMIC LIFE OF BIOLOGICAL SCIENCES UNDERGRADUATE STUDENTS

Ericka Taemy Christane¹

Viviane Terezinha Koga²

Marcela Teixeira Godoy³

RESUMO

Este artigo investiga o impacto dos trabalhos residenciais na vida acadêmica de licenciandas em Ciências Biológicas e busca compreender como elas percebem as possibilidades de contrapor esses estereótipos de gênero em sala de aula. A coleta de dados foi realizada pela aplicação de um questionário online, analisado a partir de recortes discursivos, subsidiados pela Análise do Discurso. Participaram da pesquisa dez licenciandas do quarto ano de Ciências Biológicas. Os dados evidenciam que elas são as responsáveis pelas atividades residenciais e a maioria têm dificuldades em conciliar a vida acadêmica com esses afazeres. Contudo, elas não faltam ou deixam de realizar as atividades acadêmicas, o que contribui para a invisibilização do trabalho residencial e

¹ Licenciada em Ciências Biológicas, Mestranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática pelo PPGECM- UEPG. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

² Doutora em Educação pela UEPG, Pós-Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

³ Doutora e Pós-Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

para a sobrecarga física e mental. Em relação à desconstrução dos estereótipos de gênero em sala de aula, há um paradoxo. Ao mesmo tempo em que há o empoderamento delas, ao perceberem a importância de trabalhar com gênero, elas relatam em seu discurso que não sabem ao certo como fazê-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Trabalho doméstico. Atividades acadêmicas.

RESUMEN

Este artículo investiga el impacto del trabajo residencial en la vida académica de estudiantes en Ciencias Biológicas y busca comprender cómo perciben las posibilidades de contrarrestar esos estereotipos de género en clase. La recolección de datos se realizó mediante aplicación de un cuestionario en línea, analizado desde extractos discursivos subsidiados por el Análisis del Discurso. En la investigación, participaron diez estudiantes de cuarto año de Ciencias Biológicas. Los datos muestran que ellas son responsables por las actividades residenciales y la mayoría tiene dificultades para conciliar la vida académica con esas tareas. Sin embargo, ellas no faltan ni dejan de realizar actividades académicas, lo que contribuye a la invisibilidad del trabajo residencial y a la sobrecarga física y mental. Respecto a la desconstrucción de estereotipos de género en clase, hay una paradoja. Al mismo tiempo que ocurre su empoderamiento, cuando se dan cuenta de la importancia, refieren en su discurso que no saben exactamente cómo hacerlo.

PALABRAS CLAVE: Género. Trabajo doméstico. Actividades académicas.

ABSTRACT

This article investigates the impact of household work on the academic life of Biological Sciences undergraduates and seeks to understand how they perceive the possibilities of countering these gender stereotypes in the classroom. Data collection was carried out by applying an online questionnaire, analyzed from discursive clippings using Discourse Analysis. Ten fourth-year Biological Sciences female undergraduates participated in the research. Data shows that they are responsible for household work and the majority have difficulties in reconciling academic life with these tasks. However, they do not miss or fail to carry out academic activities, which contributes to the invisibility of household work, and physical and mental overload. Regarding deconstruction of gender stereotypes in the classroom, there is a paradox. While they feel empowered, when they realize the importance of working with gender, they report in their speech do not know exactly how to do it.

KEYWORDS: Gender. Household work. Academic activities.

* * *

*A academia não é o paraíso, mas o aprendizado
é um lugar onde o paraíso pode ser criado.*

bell hooks (2013, p.273)

Introdução

Ao longo da história, a partir de uma necessidade do capital, as mulheres foram designadas como as principais responsáveis pelas atividades residenciais e de cuidados com a família (Marcelo Medeiros, Luana Simões Pinheiro, 2018; Valquiria Elita Renk, Sabrina Pontes Buziquia, Ana Silvia Juliatto Bordini, 2022). Após a Revolução Industrial e a partir das lutas do Movimento Feminista, as mulheres entraram no mercado de trabalho, e com isso, esperávamos que essa dinâmica se alterasse. Contudo, em nível internacional, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (2019), as mulheres ainda são responsáveis por 80% das tarefas residenciais. Já em nível nacional, na pesquisa de Maria Cristina Aranha Bruschini (2007), esse número aumenta para 90% e, mais recentemente, Cíntia Maria Moraes Carneiro *et al.* (2023) apontam que 95% das tarefas residenciais são desempenhadas pelas mulheres.

Para Carneiro *et al.* (2023), Luana Passos de Sousa e Dyeggo Rocha Guedes (2016) e Helena Hirata e Daniele Kergoat (2007), há uma divisão social e sexual do trabalho, uma separação e uma hierarquização tradicional e sistemática que coloca o trabalho masculino na esfera produtiva como mais valioso do que o feminino, ao qual cabe a esfera reprodutiva. Não obstante, há uma divisão racial que precariza ainda mais as relações de trabalho das mulheres negras, expondo um verdadeiro abismo entre homens brancos e mulheres negras (Lélia Gonzáles, 1984; Tamires Guimarães do Nascimento; Renata Gonçalves, 2021). Essas diferentes divisões extrapolam as relações de trabalho e abrangem todas as esferas da vida social (Lélia Gonzáles, 1984). Essas divisões são comuns em todos os países e regiões do Brasil, e nelas está implícita uma concepção social de que o trabalho residencial, que não produz mercadoria ou valor, é uma modalidade de trabalho inferior. De tal modo, ele é caracterizado como não produtivo para a sociedade, um trabalho causal, desqualificado e invisibilizado (Michel Patrick Fonseca Rocha, Maria Aparecida Vieira, Roseni Rosângela de Sena, 2008). Hoje, é considerado trabalho não remunerado, mas por muito tempo foi percebido como inatividade econômica, inclusive em pesquisas oficiais, como nos levantamentos censitários e demográficos do IBGE (Bruschini, 2007), sendo visto como atividade indesejável (Medeiros; Pinheiro, 2018).

Para Hirata e Kergoat (2007, p. 600), “tudo muda, mas nada muda”, ou seja, a conquista do mercado de trabalho para as mulheridades e feminilidades múltiplas (Silvana de Souza Nascimento, 2022, Letícia Nascimento, 2021) acontece concomitante

ao acúmulo das atividades profissionais com as residenciais e outras, sucessivamente. Essa conciliação histórica de atividades, também denominada *dupla jornada de trabalho*, permanece e é agravada quando as mulheres que desempenham a mesma função e possuem o mesmo grau de escolaridade que os homens não têm a mesma média salarial que eles, ganhando aproximadamente 24% a menos para fazer o mesmo trabalho (Bruschini, 2007; Suzane Carvalho da Vitória Barros; Luciana Mourão, 2018). Assim, segundo dados do IBGE (2019), para serem mais valorizadas no mercado de trabalho e alcançarem cargos de maior prestígio, elas precisam de mais qualificação profissional em comparação aos homens, expondo, ao mesmo tempo, o sexismo e o racismo que, quando articulados, produzem efeitos violentos sobre todas as mulheres, em especial sobre as mulheres negras, trans e travestis (Gonzales, 1984).

O acúmulo de todas essas atividades (residenciais, acadêmicas, laborais, maternais, etc.) levam as mulheres a uma sobrecarga física e mental, adoecem-nas e, conseqüentemente, dificultam o desenvolvimento da carreira profissional (Barros; Mourão 2018), especialmente para aquelas que não compõem os parâmetros normativos da sociedade. Diante disso, questiona-se: por que a responsabilidade de cuidar da casa e dos entes ainda recai predominantemente sobre elas? Além dos aspectos culturais, quais outros contribuem para essa permanência?

Ana Paula Oliveira dos Santos e Bettina Heerdt (2023) argumentam que os saberes científicos da biologia não são isentos de influências e carregam consigo dinâmicas de poder. Nesse sentido, os conteúdos elaborados de forma colonial e androcêntrica contribuem para a manutenção da invisibilidade de mulheres e de outros grupos marginalizados, além de reforçar preconceitos e discriminações socialmente construídos (Santos; Heerdt, 2023). Para Maria José Souza Pinho (2017), o espaço escolar muitas vezes reforça essas desigualdades, impõe comportamentos, demarca posições e valores, normatiza corpos e estabelece binarismos que separam o feminino do masculino, por exemplo, quando em materiais didáticos que tratam da fecundação, apresenta-se o espermatozoide com papel ativo e o óvulo totalmente passivo. Atribui-se, portanto, aos gametas masculino e feminino papéis personificados, fruto de uma associação a comportamentos socialmente esperados, em que o feminino seria resignado, passivo, materno, afetivo; e o masculino, investigador, ativo, profissional, agressivo e racional (Santos; Heerdt, 2023).

Em sua prática docente, professores de ciências e biologia reproduzem, transmitem e, por vezes, reforçam esses estereótipos enraizados culturalmente,

geralmente de forma inconsciente. Nesse sentido, faz-se necessária a reflexão de que o gênero vai muito além de uma indicação biológica, uma vez que delimita posições sociais e de poder (Pinho, 2017). Há que se refletir, entre os professores de ciências, sobre as formas de trabalhar gênero dentro da sala de aula. Projeta-se modificar essa prática pedagógica sexista, normativa e excludente para desconstruir a normalização da cultura machista que invisibiliza e inferioriza as mulheridades, colocando-as em situação de dependência e subordinação e, de tal modo, contribui para a manutenção do *status quo* e para o aumento de casos de violência sexual e doméstica, dentre outros aspectos (Olegna de Souza Guedes, Michelli Aparecida Daros, 2009).

Tendo em vista que o Ensino de Ciências precisa adquirir uma nova roupagem, livre de estereótipos, contra-hegemônico, faz-se necessária a discussão desses temas na formação inicial e continuada de professores para que eles compreendam o que é falado e identifiquem casos em que o seu discurso esteja contribuindo para a manutenção das estruturas sociais racistas, sexistas, machistas e heteronormativas, perpetuando ideias discriminatórias às mulheridades e às minorias como um todo.

Ao buscar pesquisas que investiguem a relação do trabalho residencial com as mulheres, foram encontrados cinco trabalhos publicados no período pós-pandemia da Covid-19 que discutem: a realização do trabalho domiciliar por mulheres e homens (Bruna Carolina Garcia, Glaucia dos Santos Marcondes, 2022); as características desse trabalho e a sua associação com transtornos mentais a partir de diferenciais de gênero (Carneiro *et al.* 2023); a organização do tempo de trabalhadores/estudantes entre o trabalho remunerado, a escola e os cuidados com os familiares e afazeres residenciais (Alessandra de Melo, Ana Claudia Marochi, 2019); a situação da mulher: casada, mãe, estudante e profissional em relação aos aspectos pessoais e profissionais (Carolina Santos, Alcinéia Parreiras Azevedo, Erika Lima Souza, 2021); e o espaço de professoras mães em uma universidade pública brasileira (Elenir Lindaura da Silva *et al.*, 2023).

Circulando entre esses elementos, preocupamo-nos em investigar o impacto dos trabalhos residenciais⁴ na vida acadêmica de licenciandas em Ciências Biológicas e

⁴ No presente trabalho, o termo doméstico não será utilizado, tendo em vista que essa expressão tem cunho discriminatório. De acordo com o guia prático de expressões preconceituosas (Tree, s.d, p. 12), “pessoas negras escravizadas eram vistas como selvagens, as mais ‘calmas’ estariam em condições de serem domesticadas para trabalharem nas casas de seus senhores”. Portanto, a presente expressão foi substituída ao longo do texto. A partir de uma busca por termos para o presente trabalho, o que mais se encaixa é o *residencial*, uma vez que, segundo Jana Lauxen (2016), *residência* é o lugar para onde se volta após o trabalho ou após a escola. Portanto, é algo palpável, que pode ser medido e avaliado, diferente de *lar*, que é considerado algo mais sentimental, atrelado às emoções.

compreender como elas percebem as possibilidades, enquanto futuras professoras de ciências, de contrapor esses estereótipos de gênero em sala de aula.

Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos percorridos no decorrer da pesquisa e, após, explicitamos as análises e discussões realizadas a partir dos discursos das estudantes, dialogando com o referencial teórico adotado. Por fim, expomos as conclusões ou inconclusões da pesquisa, na medida em que nos são ausentes algumas respostas e bastante presentes questionamentos em relação aos achados da pesquisa.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa se caracteriza como estudo de campo, na qual um grupo ou uma comunidade foi estudado em sua estrutura social, ressaltando a interação entre seus membros. Ela tem ainda um caráter descritivo, pois visa à descrição de características ou fenômenos de uma determinada população, estabelecendo relações entre elas (Antônio Carlos Gil, 2002),

Para sua realização, foi aplicado um questionário para todas as alunas integrantes do 4º ano (último) do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública do estado do Paraná, totalizando 10 participantes, todas sem filhos. A pesquisa foi realizada no período de duas semanas no mês de setembro de 2023. A escolha dessa amostra foi pensada devido à importância da futura atuação dessas estudantes como professoras de ciências e biologia, reconhecendo a pertinência da sua formação acadêmica para o desenvolvimento educacional e científico. Foi escolhido o último ano em virtude de elas terem maior experiência/vivência no curso, inclusive em relação ao tema investigado.

Neste estudo, investigamos mulheres cisgênero brancas. Não foram coletadas informações sobre a raça, classe social, identidade de gênero e orientação sexual das participantes, fato que impossibilita análises interseccionais e inviabiliza essas discussões. Essa ausência traz limitações para a análise e expressa uma lacuna da referida pesquisa, dadas as limitações de tempo e recursos, ao mesmo tempo em que evidencia possibilidades para pesquisas futuras.

O questionário iniciava com o termo de consentimento livre e esclarecido e, na sequência, era composto por 14 questões, sendo nove de caráter objetivo e cinco descritivas, organizadas em três partes distintas. Na primeira seção, as questões estavam relacionadas com a realização dos trabalhos residenciais. Na segunda, com o impacto

desse trabalho nas atividades acadêmicas e, por fim, na terceira e última seção, havia questões relacionadas com Gênero no Ensino de Ciências, precedidas por um texto informativo sobre a biologia e os estereótipos de gênero, que buscava contextualizar as estudantes antes de elas responderem à questão. O questionário foi elaborado por meio do *Google Forms* e compartilhado via *Whatsapp* para as participantes.

Após a aplicação, um banco de dados foi organizado no *Excel* para posterior análise. As questões objetivas foram analisadas a partir da frequência e porcentagem de respostas. Já as questões descritivas foram analisadas a partir da Análise de Discurso (AD), devido à sua relevância e aplicabilidade à pesquisa. A AD, segundo Rita Catalina Aquino Caregnato e Regina Mutti (2006), possibilita a investigação de como as pessoas constroem significados, concepções e representações a partir da linguagem e do discurso. No contexto desta pesquisa, a AD permite uma análise das concepções das estudantes em relação ao impacto do trabalho residencial em suas vidas acadêmicas e de possibilidades de trabalhar essas questões durante sua atuação profissional. Além disso, a AD oferece ferramentas para descrever dinâmicas de poder e controle social que podem estar presentes nas narrativas das participantes. Portanto, a escolha da AD está fundamentada na capacidade de essa abordagem proporcionar uma compreensão mais rica e contextualizada dos sentidos do discurso atribuídos ao fenômeno estudado. Vale destacar que não há um único caminho para fazer a AD. Várias leituras foram feitas para explorar as marcas linguísticas cujo funcionamento discursivo foi trabalhado, fazendo os recortes discursivos em que aparecem tais ênfases (Caregnato; Mutti, 2006). Portanto, o foco não estava em elencar categorias presentes no discurso das estudantes. Detivemo-nos em captar marcas linguísticas e relacioná-las ao contexto sócio-histórico, fazendo recortes discursivos que constituem fragmentos da situação discursiva (Caregnato; Mutti, 2006, Eni Puccinelli Orlandi, 1984). “Os recortes foram feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendida no contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”, o não dito (Orlandi, 1984, p. 14).

Para Eni Pulcinelli Orlandi, Eduardo Guimarães e Fernando Tarallo (1989, p. 36), os recortes discursivos referem-se a unidades discursivas entendidas como fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Assim, cada texto é um conjunto de recortes discursivos que se entrecruzam e se dispersam. O recorte é, de tal modo, um fragmento da situação discursiva. Já a análise empreendida efetua-se por meio de seleção dessas unidades extraídas do *corpus*, ou mesmo de recortes de recortes, observados os objetivos da pesquisa.

Durante o planejamento da pesquisa, foram implementadas diversas medidas para garantir que a coleta e a análise dos dados fosse conduzida considerando os preceitos éticos em pesquisas com seres humanos (Colin Lankshear, 2008). Ao elaborar o questionário, foi inserido o termo de consentimento livre e esclarecido. Assegurou-se o anonimato das participantes, as quais receberam informações detalhadas sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de coleta e análise dos dados, a publicação dos resultados, o tempo gasto para responder o questionário, os riscos e benefícios, e ainda, a natureza voluntária da participação. Elas também foram informadas sobre a proteção dos seus direitos e acerca da identidade e dos contatos das pessoas responsáveis pela pesquisa, caso tivessem alguma dúvida.

Análise de dados e discussão

As participantes da presente pesquisa foram dez estudantes do último ano do curso de licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade estadual do Paraná. As idades das estudantes variam entre 20 e 29 anos. Nenhuma delas possui filhos e quatro delas são casadas ou moram com seus/suas companheiros/as. No quadro 1 estão presentes as questões referentes à primeira seção do questionário, relacionadas com a realização de atividades residenciais.

Quadro 1: Questões presentes no questionário

REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES RESIDENCIAIS			
Questões	Opções	Frequência	%
Realiza algum tipo de atividade residencial (cuidados com o lar e/ou pessoas)?	Sim	10	100%
	Não	0	
Em sua casa, quem realiza a maior parte dos trabalhos relacionados à limpeza e manutenção do lar e cuidado de pessoas?	Você	5	50%
	Outra mulher	4	40%
	Outro homem	0	
	Possuo funcionária/o	0	
Em média, quantas horas diárias você dedica às atividades de cuidado com o lar?	Outros	1	10%
	1h ou menos	3	30%
	2 h	6	60%
	3h ou mais	1	10%
	Não realizo	0	

Fonte: As autoras (2023).

Na primeira pergunta, as alunas foram questionadas se realizam, em suas rotinas diárias, atividades relacionadas aos cuidados com a residência e/ou pessoas, e 100% das participantes responderam que sim. Isso evidencia que, mesmo em uma amostra pequena, já é evidente o quanto as mulheres têm essas atividades atreladas às suas vidas, apontando que a parcela de mulheres responsáveis pelos trabalhos residenciais é maior do que a de 80% evidenciada pela Organização Internacional do Trabalho (2019). Esse dado se aproxima mais dos achados de Bruschini (2007) e Carneiro *et al.* (2023) em que, respectivamente, 90% e 95% das mulheres afirmam serem as responsáveis pelos trabalhos residenciais. Esse dado indica a permanência de modelos familiares tradicionais, que sobrecarregam as mulheres, em especial as estudantes e trabalhadoras.

Na segunda pergunta, sobre quem costuma realizar a maior parte dos trabalhos relacionados à limpeza e manutenção do lar e cuidado de pessoas, havia as opções: você, outra mulher da família (mãe, filha, irmã, avó, tia), outro homem da família (pai, filho, irmão, avô, tio), funcionários remunerados, e a opção *outros*. Das dez estudantes participantes, cinco assinalaram a opção que elas são as responsáveis pela maior parte dos trabalhos residenciais, e as outras cinco assinalaram outra mulher da família (mãe, filha, irmã, avó, tia). Para Hirata e Kergoat (2007), esse seria o *modelo da delegação*, ou seja, para uma mulher conseguir estudar e/ou trabalhar, ela delega a outras mulheres as tarefas domésticas e familiares. Apenas uma aluna expõe que a divisão é feita de maneira igual entre ela e a namorada, evidenciando que, em casais homoafetivos, há uma divisão igual das responsabilidades residenciais, o que não acontece em casais heteroafetivos, pois as outras três participantes casadas ou que moram com seus namorados não relatam uma divisão igual de tarefas, confirmando os achados de Medeiros e Pinheiro (2018).

Esses dados indicam que a maioria das alunas são responsáveis pelo trabalho residencial, e se elas têm algum auxílio nessas tarefas, isso é feito por outras mulheres, o que já foi apontado por Carneiro *et al.* (2023), Sousa e Guedes (2016) e Hirata e Kergoat (2007), ao afirmarem que há uma hierarquização, uma divisão sexual do trabalho que é também social, que coloca a mulher como principal responsável pelas atividades residenciais. Há, portanto, para essas estudantes, uma articulação entre o espaço produtivo e o espaço reprodutivo. Para essas mulheres, a vivência acadêmica e a profissional implicam sempre a combinação dessas duas esferas, seja pela articulação ou pela sobreposição (Bruschini, 2007).

A terceira pergunta era sobre quantas horas diárias elas dedicam ao trabalho residencial. Três assinalam dedicar-se 1 hora ou menos, seis alunas assinalam dedicar em

média 2 horas diárias, e apenas uma assinalou que se dedica 3 horas ou mais. A maioria, portanto, dedica-se em média 14 horas semanais, o que caracteriza um tempo menor, em comparação às pesquisas de Bruschini (2007) e Barros e Mourão (2018), nas quais as mulheres afirmam dedicar, respectivamente, 27 e 24 horas semanais às tarefas residenciais. Uma hipótese para isso é o fato de essas atividades serem tão rotineiras que a mensuração temporal *a posteriori* torna-se difícil (Medeiros; Pinheiro, 2018). Em outras palavras, as atividades domésticas estão tão enraizadas e naturalizadas na vida das mulheres que elas as percebem como intrínsecas às suas vidas, não contabilizando as horas destinadas a elas em seu dia-a-dia. Gonzáles (1984) fala sobre a necessidade de desnaturalizar esses lugares sociais.

Na segunda seção do questionário, as perguntas estavam relacionadas ao impacto do trabalho residencial na vida acadêmica das participantes, as quais estão indicadas no quadro 2.

Quadro 2: Questões presentes no questionário

IMPACTO DAS ATIVIDADES RESIDENCIAIS NAS ATIVIDADES ACADÊMICAS			
Questões	Opções	Frequência	%
Já deixou de ir para a faculdade para realizar essas atividades do lar ou porque estava cansada por tê-las realizado	Sim	4	40%
	Não	6	60%
	Não realizo	0	
Já deixou de fazer atividades acadêmicas para realizar atividades residenciais?	Sim	7	70%
	Não	3	30%
	Não realizo	0	
Sente que, de alguma forma, as atividades residenciais prejudicaram seu desempenho/dedicação acadêmica?	Sim	7	70%
	Não	3	30%
Sente algum tipo de sobrecarga física ou mental relacionada a equilibrar os cuidados com a sua casa com a vida acadêmica?	Sim	9	90%
	Não	1	10%

Fonte: As autoras (2023).

Ao analisar o quadro 2, a primeira e a segunda questão visam evidenciar se as alunas já haviam deixado de comparecer à universidade ou de estudar para provas e/ou fazer trabalhos para realizar trabalhos residenciais. Quatro estudantes afirmam que já deixaram de comparecer à faculdade para realizar esse trabalho ou por estarem cansadas por tê-las feito, e sete delas afirmaram já ter deixado de fazer atividades universitárias

devido à sobrecarga dos trabalhos residenciais; por fim, três assinalaram que não se sentem afetadas em suas obrigações acadêmicas.

Ao relacionar esses dados com as questões anteriores, percebe-se que 100% das estudantes realizam atividades residenciais, mesmo assim a maioria delas afirma não faltar às aulas, o que contribui para maior invisibilização do trabalho residencial (Rocha; Vieira; Sena, 2008). Em outras palavras, mesmo sobrecarregadas, elas continuam comparecendo à aula e cumprindo com suas obrigações acadêmicas, o que gera sobrecarga física, mental e psicológica (Barros; Mourão, 2018). Essa sobreposição de atividades ainda limita as possibilidades de qualificação e formação profissional dessas estudantes, tornando seu acesso ao mercado de trabalho mais difícil, promovendo e alimentando ciclos de exclusão, perpetuando mecanismos de produção e reprodução das desigualdades de gênero (Carneiro *et al.* 2023).

Na próxima pergunta, elas foram questionadas se o trabalho residencial prejudica suas vidas acadêmicas de alguma forma. Sete alunas afirmaram que sim e três afirmaram que não sentem esse impacto. Após essa pergunta, havia um campo livre para que elas comentassem o assunto. Abaixo estão os recortes das falas das estudantes, seguidos de comentários.

Não me atrapalha, pois não faço muita coisa, a minha mãe faz a maior parte dessas atividades da casa. Ela deixa de se dedicar à vida profissional para se dedicar à casa e à família (Acad_4).

Esse comentário novamente expõe o que Hirata e Kergoat (2007) chamam de *modelo da delegação*, em que uma mulher delega a outra mulher as tarefas residenciais e familiares. Em outras palavras, para que uma mulher possa se dedicar com exclusividade à vida acadêmica e/ou profissional, outra teve que lançar mão da sua vida profissional para atender a demanda residencial.

Em partes, eu sempre tento priorizar as atividades acadêmicas, mas ainda assim, em determinados momentos, as atividades residenciais acabam atrapalhando, sim, principalmente por tomarem um tempo que às vezes eu tinha planejado pra fazer algo da universidade. Mas não atrapalham completamente porque eu consigo (na maior parte das vezes) destinar parte do dia para esses afazeres e outra parte para os compromissos acadêmicos (Acad_6).

Essa fala corrobora os dados discutidos anteriormente, apontando para a sobrecarga gerada pelos trabalhos residenciais e para a invisibilização dessas atividades. A acadêmica descreve uma tensão constante entre as responsabilidades domésticas e acadêmicas, indicando que as tarefas residenciais interferem no tempo planejado para os

estudos. Essa interferência evidencia como as obrigações domésticas podem impor uma carga adicional significativa sobre as estudantes. Além disso, destaca a resiliência e a capacidade de adaptação delas, que buscam formas de equilibrar essas duas esferas, apesar da sobrecarga. A invisibilização dessas atividades é um ponto importante, pois as responsabilidades domésticas são frequentemente subestimadas e desvalorizadas, sendo vistas como tarefas *naturais* ou *menores*. Isso reflete a experiência das estudantes, que enfrentam uma carga adicional não reconhecida oficialmente, um segundo turno de trabalho que aumenta a sobrecarga física, mental e psicológica.

Sinto o impacto, mas tento não deixar isso me afetar. Quando estamos perto de uma prova, por exemplo, deixo as coisas do lar de lado para dar mais atenção para a faculdade. Porém, quando faço isso, quase sempre me sinto culpada por ser incapaz de conciliar as atividades (acadêmicas e do lar) (Acad_5).

Essa constante busca pela conciliação entre as atividades (acadêmicas e residenciais) e a necessidade de, por vezes, deixar as residenciais em segundo plano, gera entre as alunas um sentimento de culpa e incapacidade devido à sobreposição de papéis. Para Paloma de Sousa Pinho e Tânia Maria de Araujo (2012) e Carneiro *et al.* (2023), o conflito trabalho-família-tempo associa-se fortemente ao comprometimento da saúde mental das mulheres, ocasionando transtornos como ansiedade, depressão e insônia. Esse dado é corroborado pela próxima pergunta, que questionava, de maneira fechada (sim ou não), se elas sentiam algum tipo de sobrecarga física ou mental ao tentar equilibrar as tarefas acadêmicas e residenciais, e nove delas responderam que sim, que sentem algum tipo de sobrecarga física ou mental ao tentar equilibrar os cuidados com a casa e a vida acadêmica.

A terceira e última parte do questionário, relacionada com as questões de gênero no ensino de ciências, encontra-se no quadro 3.

Quadro 3: Questões presentes no questionário

GÊNERO NO ENSINO DE CIÊNCIAS			
Questões	Opções	Frequência	%
Se respondeu sim nas perguntas anteriores, acha que isso tem relação com o gênero que possui?	Sim	7	70%
	Não	0	
	Não se aplica	3	33%
Acha que pode, de alguma forma, como professora de biologia, auxiliar na quebra	Sim	10	100%
	Não	0	

desses estereótipos de gênero enraizados em nossa sociedade?

Fonte: as autoras (2023).

O quadro 3 evidencia que as alunas foram questionadas se havia alguma relação entre as questões anteriores e as questões de gênero. Tratava-se de uma pergunta fechada, que elas poderiam responder *sim*, *não* ou *não se aplica*. A maioria das participantes responderam *sim*, evidenciando que elas têm consciência de que a predominância feminina nos trabalhos residenciais é decorrente de aspectos sociais, históricos e culturais que hierarquizam e fazem a divisão social e sexual do trabalho (Carneiro *et al.* 2023; Sousa; Guedes, 2016; Hirata; Kergoat, 2007). Em seguida, havia um espaço em que podiam justificar como elas percebem essa relação. Seguem os recortes das falas das estudantes.

Claramente, qualquer pessoa que cuide de uma casa e estude ao mesmo tempo vai ter dificuldades e vai precisar se desdobrar para minimamente dar conta de tudo que precisa. Porém, quando se é mulher, a cobrança é muito maior. Há cobrança social para trabalhar, cuidar da casa, cuidar dos filhos e da família, da saúde e ainda ter que estar bonita para os padrões de beleza da sociedade. Tudo isso ao mesmo tempo é humanamente impossível, e falhando em algo, ainda recebe duras críticas (Acad_4).

No meu ambiente familiar, as pessoas acreditam que é função da mulher manter a casa organizada (Acad_10).

Acredito que, se meu gênero fosse diferente, não me seriam cobradas tantas responsabilidades, e também que o não cumprimento dessas responsabilidades seria amenizado quando, por eu ser mulher e não conseguir cumprir, muitas vezes me define como preguiçosa e etc. (Acad_3).

Completamente! Minha família é composta majoritariamente por mulheres, o meu "pai" abandonou a família logo que nasci. Então, desde sempre eu e minha irmã tivemos muitas responsabilidades, incluindo questões do lar, mas também financeiras, além da sobrecarga em todos os outros âmbitos, que certamente acabam sendo um reflexo da sociedade patriarcal e das questões estruturais envolvendo as divisões de gênero (Acad_6).

O simples fato de ser mulher faz com que as pessoas vejam você como alguém forte, guerreira e que tem que dar conta de tudo (Acad_7).

Infelizmente está enraizado como papel da mulher que ela tem que ser uma boa dona de casa e tem que realizar todas essas funções (Acad_2).

A partir das respostas, vê-se que elas citam, além do trabalho residencial, a sobrecarga física e mental já mencionada anteriormente, e a preocupação com outras questões relacionadas ao gênero feminino, como a luta pelo padrão inalcançável de beleza feminina imposto pela sociedade, e ainda trazem reflexões sobre a cobrança desleal lançada sobre as mulheres, principalmente quando elas são as chefes de família.

Além disso, as alunas comentam sobre o enraizamento social e cultural reforçado pelas percepções individuais, corroborando com Santos, Azevedo e Souza (2021), em que muitas mulheres ainda se veem como as principais responsáveis pelas tarefas residenciais e reforçam isso em seu discurso. Essa cobrança acarreta a culpa citada pelas estudantes, o que gera a sobrecarga, criando um ciclo de trabalho-sobrecarga-culpabilizaçãoadoecimento.

Como parte dessa última pergunta, havia um trecho de texto sobre a biologia e os estereótipos de gênero, colocada da seguinte maneira:

*Ei, futura professora de biologia!
É fato que a biologia ao longo do tempo tem sido utilizada para reforçar estereótipos de gênero. Por exemplo, por possuir útero e ovários, a mulher já estaria condicionada a atividades de zelo, como cuidados com a casa e com a família, e a ausência de testosterona tornaria a mulher mais delicada e adequada para esses serviços. Até mesmo o uso da palavra "homem" para se referir à espécie humana invisibiliza a mulher na sociedade ao longo da história. E segundo Pinho (2017), o espaço escolar reforça a desigualdade de gênero, impondo comportamentos, demarcando posições e valores que visam à separação do feminino e do masculino.*

A partir desse trecho de texto e da reflexão feita ao responder o questionário, as estudantes foram convidadas a pensar se, enquanto futuras professoras de ciências, elas viam alguma forma de romper esses estereótipos de gênero enraizados socialmente. Essa questão era fechada, e elas poderiam responder *sim* ou *não*, e em seguida, descrever como fariam isso em suas aulas. Ao analisar as respostas, as dez estudantes afirmaram que sim, enquanto professoras de ciências, elas poderiam trabalhar com as questões que envolvem o gênero dentro da sala de aula, desconstruindo estereótipos presentes em conteúdos e materiais didáticos do Ensino de Ciências. Contudo, ao analisar o discurso das estudantes em relação a como fariam isso, vê-se que algumas delas não sabem ao certo como, ou apontam estratégias e métodos mais gerais, incluindo questionamentos, discussão e reflexão com os alunos, constituindo oportunidades de debate, reflexão e confronto de opiniões, mas de forma pontual e não sistemática.

Não sei bem como, mas iria trabalhar e falar sobre isso em sala de aula, trazendo uma visão que muitos (principalmente os homens) nunca perceberam já pode ser um bom começo para a mudança (Acad_4).

Levando questionamentos como esse para discussão em sala de aula (Acad_2).

Quebrando tabu, explicar que não necessariamente nós mulheres precisamos ser “dona de casa” sozinha, devido a nossa anatomia! (Acad_9).

Acredito que a informação para as alunas e os alunos, de forma que os faça pensar e refletir em casa com sua família, e sua comunidade poderia de alguma pequena forma ajudar (Acad_3).

Passar conhecimento aos alunos que quebrem esses tabus, desmistificando-os (Acad_7).

Conscientizando os alunos sobre as questões de gênero, utilizando de atividades sobre essa temática (Acad_10).

Conscientizando em sala a igualdade de gênero em todas as áreas e profissões, para que entendam que a sociedade patriarcal deve ser cessada (Acad_8).

Em minha opinião, todas as disciplinas abrem espaço para isso, mas a biologia é uma das mais oportunas, pois nela discutimos e comparamos as diferenças dos sistemas, órgãos e até corpos. Dessa forma, podemos diminuir cada vez mais a "diferença" que muitos ainda enxergam entre gêneros (Acad_5).

Apesar de diferenças biológicas que determinam o sexo do indivíduo, não há justificativa para que as mulheres sejam obrigadas a realizar serviços domésticos e deixem de lado sua vida pessoal e/ou acadêmica, como é esse caso (Acad_1).

A ideia central compartilhada no discurso das estudantes é de que a sala de aula desempenha papel fundamental na promoção da equidade entre os gêneros e na desconstrução desses estereótipos. Essa visão é corroborada por Cristina Coimbra Vieira, Tereza Alvares e Maria Jorge Ferro (2017), que afirmam que a escola assume papel fundamental de transformação, capacitando para justiça social, promovendo comportamentos solidários e erradicando visões discriminatórias e desiguais.

Existe avanço, na medida em que as estudantes destacam sua responsabilidade e disposição em relação às questões de gênero. Contudo, elas precisam se sentir capacitadas, capazes de reconhecer e apontar diferentes métodos, estratégias e conteúdos de ensino que tenham potencial para essa discussão e desconstrução. Nisso reside a importância da formação inicial dessas professoras para que elas estejam, de fato, preparadas para conduzir, em sala de aula, discussões que incluam as questões de gênero, contribuindo para uma educação livre de *tabus* e de imposições sociais e históricas, ainda mais ao considerar a política de extrema-direita neoconservadora que ganha força em nosso país, promovendo uma confusão generalizada entre estudos de gênero e ideologia de gênero. Nesse contexto, entender e falar sobre gênero na escola, na universidade e em instituições públicas é importante para reconfigurar as narrativas que estigmatizam as mulheres, além de, na prática, combater as mais diversas formas de violência de gênero (Martha Júlia Martins, 2020) e como forma de (re)construir a nossa própria democracia (Alexandre Bortolini, 2023).

Por fim, as marcas linguísticas das estudantes, atreladas ao seu contexto sócio-histórico, evidenciaram alguns *recortes discursivos* (Caregnato; Mutti, 2006). No que diz respeito à vida acadêmica, eles apontam para: a) responsabilização dessas

mulheres/estudantes pelas atividades residenciais; b) na impossibilidade da sua realização, a delegação para outras mulheres; c) invisibilização da dupla jornada de trabalho expressa nas atividades acadêmicas e no trabalho residencial, e por fim, d) culpabilização por não dar conta de todas as atividades e, conseqüentemente, sobrecarga física e mental. Já no que se refere à futura atuação na docência, observou-se um paradoxo como recorte discursivo. De um lado está o empoderamento dessas docentes, na medida em que elas reconhecem a importância das discussões de gênero na desconstrução desses estereótipos relacionados ao determinismo biológico. De outro, estão as ausências desse tema na formação inicial e continuada, o que faz que elas não se sintam preparadas para tal. Analisa-se esse recorte discursivo como um dos resultados da retórica antigênero, que se constituiu como slogan de uma política eleitoral (Bortolini, 2023).

Conclusões ou Inconclusões

Tendo o propósito de investigar o impacto dos trabalhos residenciais na vida acadêmica de licenciandas em Ciências Biológicas e compreender como elas percebem possibilidades, enquanto futuras professoras de ciências, de contrapor esses estereótipos de gênero em sala de aula, os resultados trazem a reflexão de que recaem sobre as estudantes as responsabilidades relacionadas ao cuidado da casa. Há, portanto, uma tendência cultural, mas também um desequilíbrio significativo nas responsabilidades de gênero, uma vez que todas as participantes afirmaram exercer trabalhos residenciais no seu cotidiano, revelando, serem as principais responsáveis por lavar, passar, limpar, cozinhar e cuidar. Quando não são elas, outras mulheres assumem esse papel. Esse fato nos leva a refletir o porquê, em pleno século XXI, mesmo com todas as mudanças no papel social da mulher, ela ainda é a principal responsável pelas atividades residenciais. Esse é o motivo pelo qual este texto é intitulado *Tudo eu, nessa casa!*

A relação entre os trabalhos residenciais e as atividades acadêmicas emerge claramente quando a maioria das participantes admite que têm dificuldades em conciliar essas duas atividades. A invisibilidade dessa sobrecarga, muitas vezes mascarada pela presença física nas aulas, destaca a necessidade de uma reflexão mais ampla sobre os desafios enfrentados pelas mulheres no conflito diário que envolve trabalho-família-tempo, ainda mais se olharmos para o fato de que 90% das participantes afirmam se sentir sobrecarregadas física e mentalmente ao conciliar os trabalhos residenciais com os acadêmicos, expondo as dimensões materiais e estruturais das relações de gênero. Os

impactos na saúde mental e física das participantes constituem uma preocupação e indicam a necessidade urgente de apoio e de recursos para lidar com esses desafios. Nesse sentido, cabe questionar: quais têm sido os encaminhamentos e recursos presentes em Instituições de Ensino Superior, compostas majoritariamente pelo gênero feminino, para lidar com essas questões?

A reflexão sobre a influência da biologia na perpetuação desses estereótipos de gênero destaca um desafio adicional. As aulas de ciências e biologia, por meio de seu conteúdo curricular, podem contribuir para a manutenção desses estereótipos ou para a quebra deles, reduzindo as desigualdades de gênero, raça, classe. As participantes têm consciência de que sua futura atuação como professoras de ciências pode contribuir para a desconstrução do determinismo biológico sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Contudo, em seu discurso, elas evidenciam falta de formação, orientação e embasamento teórico específico para tal, expondo ausências na formação inicial de professores, o que ainda constitui um desafio, ao mesmo tempo em que evidencia as dinâmicas de poder em processos de produção e circulação desse conhecimento. Diante disso questiona-se: como os cursos de Licenciatura, predominantemente femininos, têm encaminhados essas discussões na formação inicial dessas professoras?

No que diz respeito à contribuição da pesquisa para a área e para possíveis implicações na formação inicial e continuada de professores de ciências e biologia, destaca-se a necessidade de o ensino de ciências olhar para essas questões a partir de uma perceptiva interseccional, integrando discussões sobre gênero, classe e raça para que a formação docente inicial e continuada seja mais crítica, decolonial e antirracista. Em outras palavras, para que os/as professores/as estejam conscientes e preparados para enfrentar as diferentes formas de violências, exclusão e desigualdades que perpassam o contexto escolar.

Na medida em nos aproximamos da conclusão ou inconclusão desse texto, faltam respostas e sobram questões, as quais se constituem como encaminhamentos de pesquisas futuras e evidenciam o quanto esse campo de estudo ainda é carente de investigações, principalmente relacionadas à escola e à educação como um todo, pois elas podem se constituir como ambientes de reprodução ou como locais de transformação.

Referências

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação

feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. e174090, 2018.

BORTOLINI, Alexandre. **É pra falar de Gênero Sim**: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação. Edição do autor: Brasília, 2023.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 537-572, 2007.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CARNEIRO, Cíntia Maria Moraes; PINHO, Paloma de Souza; TEIXEIRA, Jules Ramon Brito; ARAUJO, Tania Maria de. Trabalho doméstico não remunerado: persistência da divisão sexual e transtornos mentais. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 57, p. 31, 2023.

GARCIA, Bruna Carolina; MARCONDES, Glaucia dos Santos. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 39, 1–23, 2022. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0204>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na sociedade brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, v. 12, n. 1, p. 122–134, 2009. DOI: 10.5433/1679-4842.2009v12n1p122. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053>. Acesso em: 14 maio. 2024.

GUIMARÃES DO NASCIMENTO, Tamires; GONÇALVES, Renata. Entre a divisão sexual e a divisão racial do trabalho: a precarização das relações de trabalho das mulheres negras. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 19, n. 40 set/dez, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/7461>. Acesso em: 15 ago. 2024.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 ago. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Brasileiro de 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LANKSHEAR, Colin. Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação. In: LANKSHEAR, Colin.; KNOBEL, Michael. **A ética e a pesquisa**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.93-104.

LAUXEN, Jana. **A sutil diferença entre casa e lar**. Disponível em: <https://afolhadosul.com.br/2016/08/29/a-sutil-diferenca-entre-casa-e-lar>. Acesso em: 13 out. 2023.

MARTINS, Martha Júlia. Falemos de gênero pelo bem de nossas meninas. **Revista X**, v.15, n.4, p.79-84, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i4.76146> Acesso em 13 ago. 2024.

MEDEIROS, Marcelo; PINHEIRO, Luana Simões. Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. **Revista Sociedade e Estado**, v. 33, n. 1, janeiro/abril 2018.

MELO, Alessandra de; MAROCHI, Ana Cláudia. Mulheres, estudo, trabalho e relações sociais de sexo. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 41, n. 1, e43901. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v41i1.43901>. Acesso em 13 ago. 2024.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Epistemologias transfeministas negras: Perspectivas e desafios para mulheridades múltiplas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.35, n. 77, p.548-573, Set./Dez/2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **Mujeres en el mundo del trabajo: Retos pendientes hacia una efectiva equidad en América Latina y el Caribe**. 1. ed. Peru: Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2019. p. 22-57.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Recortar ou segmentar? In: **Linguística: Questões e Controvérsias**. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 09-26.

ORLANDI, Eni Puccinelli; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes: Discurso na Cidade e no Campo**. São Paulo: Editora Cortez, 1989. 151 p.

PINHO, Maria José Souza. A sala de aula de Biologia: espaço gendrado. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 1, 2017. DOI: 10.30681/ecs.v7i1.2584. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/8185>. Acesso em: 24 set. 2023.

PINHO, Paloma de Sousa; ARAÚJO, Tânia Maria de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Revista Brasileira Epidemiologia**, v.15, n. 3, p.560-72, 2012.

RENK, Valquiria Elita, BUZQUIA, Sabrina Pontes, BORDINI Ana Silvia Juliatto. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, n.3, p. 416-423 jul-set. 2022 <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030228>

ROCHA, Michel Patrick Fonseca; VIEIRA, Maria Aparecida; SENA, Roseni Rosângela de. Desvelando o cotidiano dos cuidadores informais de idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.61, n. 6, p. 801-8. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672008000600002>. PMID:19142384. Acesso em 13 ago. 2024.

SANTOS, Ana Paula Oliveira dos; HEERDT, Bettina. Significando discursos docentes a respeito de Conhecimentos da Biologia a partir das Epistemologias Feministas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 25, p. e42150, 2023.

SANTOS, Carolina; AZEVEDO, Alcinéia Parreiras, SOUZA, Erika Lima. A mulher em tripla jornada: Discussão sobre a divisão das tarefas em relação ao companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 103-121, 2021.

SILVA, Elenir Lindaura, BENITEZ, Priscila; MIZAE, Táhcita Medrado; PASIAN, Mara Silva. Retrato das narrativas de mães universitárias no contexto acadêmico. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 24, n. 2, p. 275-283, 2023.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha I. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados** 30 (87), 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>. Aceso em 13 ago. 2024.

TREE. **Guia Prático de Expressões Preconceituosas**. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/222959/1608570987E-BOOK_TREE_EXPRESSES.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

VIEIRA, Cristina Coimbra, ALVARES, Tereza, FERRO, Maria Jorge. Questões de gênero e cidadania: reflexões breves sobre o poder emancipatório da educação. **Diálogos Freireanos: a educação e formação de jovens e adultos em Portugal e no Brasil**, p. 701-716, 2017.

Recebido em junho de 2024.

Aprovado em setembro de 2024.